

SHELLA TOMAZ LOPES PRADO
SÔNIA REGINA BASILI AMOROSO

Resumo

A sociedade contemporânea, jamais viu tamanha dificuldade de relacionamento interpessoal como o observado atualmente. A dificuldade que as pessoas têm em controlar suas emoções está cada vez mais evidente no cotidiano, seja em qualquer contexto socioeconômico ou dimensão de vida. Assim, o foco deste trabalho teve seu cerne na busca por desvelar como a inteligência emocional pode ser relevante na formação das crianças, não só em sua trajetória educacional, mas em suas vidas de forma geral. As reflexões caminham sobre quais são as competências que se espera do docente, da escola de forma geral e até dos pais, analisando ainda quais são as reais possibilidades e responsabilidades destes em relação ao desenvolvimento desta inteligência. Esta pesquisa, que tem caráter bibliográfico, alcançou como conclusão que há uma emergência em rever a função da escola e de forma mais direta a função do docente, que precisa mais que nunca de uma visão mais ampla sobre seu papel nesta tarefa formativa, buscando adequar seu fazer com novas estratégias e metodologias. Inserindo em seus currículos temas transversais que viabilizem que emergjam situações cotidianas a serem discutidas de forma a oferecer um trabalho formativo de qualidade, que se preocupe não só com o conteúdo, mas que trabalhe os educandos de forma integral, na sua totalidade, valorizando as habilidades que este já possui e desenvolvendo outras que são essenciais, potencializando seus efeitos que refletirão na promoção de uma sociedade mais equilibrada, pois na escola repercute o que é vivido na sociedade e vice versa.

Palavras-Chave: Inteligência sócio emocional; docência e emoções.

Abstract

Contemporary society, has never seen such difficulty in interpersonal relationships as seen currently. The difficulty that people have in controlling their emotions is increasingly evident in everyday life, whether in any socio-economic context or dimension of life. Thus, the focus of this work had its core in search for unveiling how emotional intelligence may be relevant in the formation of children, not only in their educational trajectory, but in their lives in General. The reflections are about what skills that is expected from the teacher, school in General and even the parents, still analyzing what are the real possibilities and responsibilities of these in relation to the development of this intelligence. This research, which has bibliographic character, reached the conclusion that there is an emergency to see the function of the school and more direct teaching function, which needs more than ever a broader view about your role in this formative task, seeking to adapt your do with new strategies and methodologies. Inserting in their resumes that make possible cross-cutting themes that emerge everyday situations to be discussed in order to offer a quality training, which worry not only with the content, but that work learners fully in its entirety, valuing the skills that the learner already possesses and developing others that are essential, empowering its effects which will be reflected in a more balanced society because at school affects what is lived on society and vice versa.

Keywords: Social and emotional intelligence; teaching and emotions.

INTRODUÇÃO

As últimas décadas vêm sendo marcadas por uma grande transformação em nossa sociedade, principalmente nas relações de trabalho, no cotidiano das pessoas, na vida familiar e na forma como se compreende a infância, marcadamente nas relações estabelecidas com as nossas crianças.

Há desafios que modelam nossos comportamentos sociais e mesmo que não nos atentemos a isso, eles nos são impostos o tempo inteiro. Crianças e jovens são diretamente impactados por estas imposições sociais e, por isso precisam de auxílio e suporte constantes para que alcancem um equilíbrio entre o que são, ou sua estrutura psíquica, seu querer e o que o mundo quer que sejam, sobre o que lhes é imposto.

É essencial, portanto, fazer desta fase da vida, ou seja, na infância o momento oportuno para auxiliá-los a se desenvolverem-se emocionalmente saudáveis, pois são nos primeiros anos de vida que serão desenvolvidas muitas das competências, principalmente alcançados mecanismos de resiliência e autoestima que farão a diferença na idade adulta

deste indivíduo diante de situações e contextos vivenciados.

A educação, que por vezes carrega em seu bojo objetivos exclusivamente cognitivos, visando apenas a aquisição de conhecimentos e que está geralmente pautada nos assuntos e temas que a cultura e a sociedade já elaboraram, nem sempre tem surtido o efeito esperado, pois observa-se que mesmo com tantos avanços tecnológicos, de informatização, multimídias utilizados em favor da educação, não se observa nas gerações mais novas o controle emocional e social diante de situações de conflito e até mesmo de convivência cotidiana.

Sobre isso, os estudos apontam que há muitos estilos de inteligência, ou seja, elas são múltiplas como nos informa Gardner, com seus achados que “identificou as inteligências linguística, lógica-matemática, espacial, musical, sinestésica, interpessoal e intrapessoal” (GAMA, 1998, p. 2).

Para ele estas competências intelectuais são relativamente independentes, e se originam e têm seus limites no que se inscreve geneticamente, além disso, dispõem de processos cognitivos próprios (GAMA, 1998).

Para Gama (1998) somos dotados de graus variados de cada uma das inteligências e

maneiras diferentes com que elas se combinam e organizam e se utilizam dessas capacidades intelectuais para resolver problemas e criar produtos, para o qual será sempre essencial utilizar diferentes inteligências e, principalmente mesclá-las nas tarefas a fim de alcançar um objetivo.

Isso indicaria que muitas destas inteligências são essenciais e, conjuntamente relacionadas ou usadas, podem produzir maiores benefícios, dentre eles a eficiência e o alcance de objetivos e metas.

Mas, afinal o que é inteligência emocional? Como ela pode contribuir na aprendizagem das crianças e adolescentes no ambiente escolar?

Existe um novo olhar voltado para a educação do século XXI que baliza sua orientação sobre os quatro pilares do conhecimento que são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver, e o aprender a ser, e que pode nos levar a refletir que talvez o mais importante deles ou que possa vir a ser o mais importante por explicar o papel do cidadão na sociedade seja o aprender a ser.

Com base nessa visão anteriormente descrita sobre o conhecimento pode-se prever mudanças no cenário educacional, pois se trata de uma aprendizagem para toda a vida, sendo requisitada a todo o momento o “ser” e não mais os conteúdos que este mesmo ser consegue aprender.

Aprender a lidar com as emoções, agregando valores, na atual proposta do currículo da educação é a proposta desse trabalho, pois “educar as emoções” com a finalidade de tornar os estudantes mais conscientes socialmente e mais equilibrados, harmonizados em suas emoções só trará benefícios para a sociedade, haja vista a escola não é apenas um espaço para construção de conhecimentos, mas de convivência, de formação de seres humanos capazes de viver na atual sociedade.

Assim, como objetivo geral este trabalho analisou o papel da escola no desenvolvimento das habilidades sócio emocionais dos educandos.

Como objetivos específicos este trabalho buscou identificar como se estabelece a ação escolar quanto à promoção do desenvolvimento das habilidades sócio emocionais; Identificar e descrever fatores que podem contribuir para o desenvolvimento das habilidades sócio emocionais dos educandos; analisar quais são as implicações do docente quanto à tarefa de auxiliar os educandos no desenvolvimento de suas habilidades sócio emocionais.

Este interesse se justifica por entendermos que o ambiente escolar é compreendido como um espaço altamente estressante para todos os atores que dele participam, e a todo instante o estudante tem que estar pronto para receber uma série de informações que lhes são cobrados,

além disso, espera-se que sejam todos esses ensinamentos assimilados e reproduzidos.

Aos estudantes é dada a oportunidade de aprender, entre acertos e erros espera-se que a aprendizagem ocorra e aos profissionais de educação resta estar habilitado para resolver questões das mais diversas ordens e que lhes competem solucionar, muitas inclusive fogem das suas competências.

Acredita-se que saber usar a inteligência sócio emocional é um grande passo evolutivo, pois o mundo passa por uma grande e rápida transformação, as pessoas pensam de forma diferente, as culturas, etnias, credos se diversificam e são muitos os ritmos, interesses e culturas dentro de uma sala de aula, e é exatamente esse o espaço utilizado para a aprendizagem.

Por isso, acredita-se que este trabalho possa oferecer subsídios aos que se interessam pela área educacional no sentido de refletirem sobre a importância da temática.

Neste espaço se aprende a conviver, a pensar, a aceitar as diferenças, aliás, se aprende o tempo todo, até mesmo o que não é para ser aprendido. O que demonstra que esse processo ensino aprendizagem nem sempre acontece de forma intencional, às vezes nem tudo que se ensina é aprendido, e por meio da observação, da convivência constrói-se muitas aprendizagens, inclusive a capacidade de se conhecer, a se aceitar, a conhecer o outro, a respeitar tudo o que é diferente do que se pensa e acredita ser o certo e verdadeiro.

Isso só é possível ocorrer concretamente se o indivíduo tiver seu emocional equilibrado, enfim acredita-se que o ensino da aprendizagem sócio emocional pode colaborar de forma satisfatória na vida acadêmica dos estudantes e profissionais da área de educação.

A vida cotidiana nos impele a crer que esta educação sócio emocional possa ser um socorro para a sociedade, que a cada dia se torna mais individualista, consumista e que, vez por outra, deixa a desejar no ensinar a ser, ainda mais quando os pais se direcionam ao ter, e não é incomum constatarmos que alguns pais e ou responsáveis terceirizam a educação de seus filhos.

Assim, nossa hipótese está na ideia de que a escola ainda não se conscientizou deste papel tão integral de desenvolver as múltiplas inteligências.

Só o desenvolvimento da inteligência cognitiva não atende mais as necessidades do processo de formação dos estudantes neste século, a sociedade precisa de mais, as novas gerações precisam aprender a conhecer e trabalhar as próprias emoções, bem como precisam aprender a respeitar o sentimento e emoções dos outros.

O princípio da educação emocional na sala de aula é o respeito mútuo pelo sentimento dos outros, de ser responsável, em saber lidar com as frustrações a reconhecer as próprias angústias e medos e lidar com elas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação, seja ela no âmbito escolar ou em qualquer ambiente de aprendizagem, tem buscado aprimorar seus conceitos e metodologias no sentido de propiciar ao integrante do processo educacional a assimilação adequada daquilo que lhe é ensinado, fato este que tem sido alvo de constantes discussões e reflexões entre agentes educacionais e teóricos do assunto para que se consiga organizar o processo de aprendizagem de forma mais objetiva e de forma a garantir a aquisição do conhecimento pelo indivíduo envolvido nesse processo.

Funções da escola

Segundo o dicionário Aurélio (2008, p. 363), escola é um estabelecimento público ou privado onde se ministra o ensino coletivo, os alunos, professores e pessoal numa escola, sistema ou doutrina de pessoa notável em qualquer dos ramos do saber.

Vygotsky (1962) apud Costa e Faria (2013, p. 408) define que, “as escolas são espaços sociais e a aprendizagem é de igual modo um processo social”.

Continuando o autor afirma que neste espaço “... os alunos não aprendem sozinhos, mas, sobretudo, de forma colaborativa com seus professores, em parceria com seus pares e com encorajamento de suas famílias” (2013, p. 408).

Em referência à Escola, Costa e Faria afirmam que.

A escola, para garantir o seu papel, cada vez mais transdisciplinar e universal, deverá integrar um modelo de desenvolvimento do aluno mais amplo e holístico, não incidindo apenas no seu desenvolvimento cognitivo, mas também no seu desenvolvimento social e emocional (2013, p.412).

Desta afirmação, depreende-se que não se espera da escola um processo linear e único, traçado de forma engessada e que pretende minimamente promover desenvolvimento cognitivo por meio do ensino do que está culturalmente pensado e constituído em nossa civilização, mas, sobretudo, proporcionar que este aluno empreenda itinerários diferenciados, muito respectivos as suas necessidades e peculiaridades.

Isso implica discernir que a escola tem na atualidade uma função mais ampla do que a que vinha sendo concebida em sua trajetória ao longo dos últimos séculos, quando dela se esperava a

competência de preparar indivíduos para o mercado de trabalho.

Porém, o mercado de trabalho mudou, a vida na sociedade contemporânea comporta exigências diversas das que até então vigentes. Não basta que este indivíduo tenha uma capacidade de adquirir conhecimentos, mas empregá-los e generalizá-los de forma proativa em sua vida e para a sociedade de forma geral.

As competências variam entre fatores e habilidades que vão desde os aspectos cognitivos, afetivos e motores, assim como a capacidade de integrá-los e apresentar, diante do mundo que o cerca, uma estabilidade e equilíbrio diante das situações cotidianas.

Para Wallon (2003), não há como negar que a afetividade e as emoções são inerentes ao processo evolutivo da criança, participando de sua vida desde o nascer e suas primeiras relações com as pessoas que cuidam dela nesta fase e vão, participar da forma como apreendem e internalizam o mundo e como estruturam esta compreensão em sua evolução, ou seja, como ele vai descrever isso por meio da sua linguagem e, portanto pela forma como pensa e declara este pensar.

Aprendizagem e desenvolvimento de competências emocionais

A aprendizagem ou ato de aprender é conceituado por vários autores e teóricos, perpassando diferentes teorias e, principalmente centrando-se ora em fatores internos, ora em fatores externos ao sujeito aprendiz.

Na teoria Behaviorista da aprendizagem, Skinner acredita que a mesma vem a ser o alcance do objetivo final da assimilação de algo intimamente ligado ao indivíduo que se propõe a aprender. Por isso faz-se relevante destacar que a aprendizagem implica uma contínua busca por aprimorar o que se faz, de forma a ajustar a resposta ou mesmo de fazer com que a mesma, como afirma Ogasawara (2009, p.17, apud SKINNER, 2005), possa ser entendida “como uma mudança na probabilidade da resposta voltar a ocorrer, devendo especificar as condições sob as quais ela acontece”.

Para o autor a aprendizagem seria explicada a partir da observação de uma mudança de comportamento do indivíduo, frente a um estímulo e, para que este estímulo seja produtor de consequências desejadas, cabe ao professor organizar reforços que manterão ou promoverão o aumento da probabilidade daquele comportamento voltar a ocorrer. Isso se daria pelo que ele chamou de reforço

A capacidade de aprender está presente em todos os indivíduos, sendo que para alguns ocorre uma relativa dificuldade de assimilação e manutenção de seu conhecimento, ligando o processo de absorção daquilo que se quer aprender a fatores muito mais relevantes do que

o simples fato de necessitar fixar aquilo que é ensinado.

Ogasawara (2009, p. 24 e 25) destaca que: Vygotsky foi um dos primeiros autores a diferenciar o processo de aprendizagem escolar. Para este autor, a aprendizagem começa no ingresso à escola "... o processo de formalização do conhecimento proposto pela escola não é a única fonte que o sujeito possui para aprender, isso está inato às capacidades humanas, conseguindo assim, aprender com qualquer situação vivida".

Para ele os signos e instrumentos, ao serem internalizados favorecem que a criança vá compreendendo o mundo que o cerca e, principalmente adquira um repertório que lhe favorecerá viver na sociedade, criando e se apropriando de outros signos e instrumento.

Abed (2014,p.35) destaca que "para que a aprendizagem aconteça, é necessário que se construa um espaço de confiança entre aquele que ensina e aquele que aprende". O que é complementado por Fernández quando destaca que "não aprendemos sozinhos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e o direito de ensinar" (FERNÁNDEZ, 1990, p. 52).

Aprendizagem é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores, etc. a partir do seu contato com a realidade, ou seja, o meio ambiente, as outras pessoas e os objetos (OLIVEIRA, 1999).

Para Oliveira (1999 *apud* VYGOTSKY, 1994) sua ênfase recai sobre os processos sócio históricos, a ideia de que aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo, que são invariavelmente influenciados pela cultura e por sua historicidade. Isso nos orienta que cada indivíduo empreende uma trajetória muito própria, e a depender das suas vivências e experiências socioculturais, cada um empreenderá trajetórias muito diferentes e estabelecerá conexões muito únicas com a realidade.

A análise das ideias de Vygotsky (1994) mostra uma visão essencialmente social para o processo de aprendizagem, que se insere numa perspectiva histórico cultural. Onde a ênfase está nas relações sociais, pois destaca o autor que é por meio da interação com outros que a criança incorpora os instrumentos e signos culturais. Isso, de certa forma, explica porque a educação infantil comporta aprendizagem e desenvolvimento tão amplos, como nunca mais será visto depois ao longo da trajetória escolar da criança. E deste, rápido e contínuo desenvolvimento, participará enormemente a socialização.

Vygotsky (1994), ao destacar a importância das interações sociais, traz a ideia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo que a

construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. Nesse sentido, o autor destaca a importância do outro não só no processo de construção do conhecimento, mas também de constituição do próprio sujeito e de suas formas de agir.

A importância que Vygotsky dá ao papel das relações sociais no desenvolvimento dos indivíduos cristaliza-se na formulação de um conceito específico dentro de sua teoria, para a compreensão de suas idéias sobre as relações entre desenvolvimento e aprendizado: o conceito de zona de desenvolvimento proximal (OLIVEIRA, 1999, p.58).

Vygotsky (1994) explica que a Zona de Desenvolvimento Proximal é o olhar que se estabelece, a partir do mediador, que é o professor ou alguém que supostamente é mais experiente, sobre o que a criança sabe ou já se apropriou, e que, por meio da relação cotidiana deste mediador com a criança, ele possa perceber qual a aprendizagem real e o que acredita que aquela criança possa potencialmente evoluir, desenvolver ou aprender com seu suporte.

Para isso, este mediador é o responsável em oferecer alguma informação, desafio ou atividade que faça com que aquela criança evolua e conquiste o desenvolvimento pensado e possível.

Em contra partida, o olhar de Piaget, assenta-se nas dimensões biológicas do indivíduo, que se desenvolvem por estágios em que se espera que as crianças tenham, até aquela idade, alcançado as competências e características comportamentais esperadas para a fase de desenvolvimento, sem, contudo, determinar que a idade não possa variar de indivíduo para indivíduo. Ele, contrário ao que diz Vygotsky, determina que é a maturação biológica que determinará o desenvolvimento e capacidade de lidar com o mundo que o cerca.

Convém ressaltar que Piaget destaca com clareza as influências e determinações da interação social no desenvolvimento da "inteligência humana que somente se desenvolve no indivíduo em função das interações sociais que são em geral, demasiadamente negligenciadas" (PIAGET, 1967 *apud* LATAILLE, 1992, p. 11), principalmente em ambientes empobrecidos de estímulos e vivências.

Para Piaget, o objetivo da educação é formar o pensamento do aluno, é formar indivíduos autônomos do ponto de vista intelectual e moral. Nesse sentido, mais do que buscar a acumulação de conteúdos, a escola deveria se preocupar em ensinar o aluno a pensar, a construir suas verdades, a demonstrá-

las, a defender seus pontos de vista, a fazer perguntas e pesquisas por conta própria.

Chegando à teoria da afetividade de Wallon, observa-se que a mesma privilegia o humanismo, no sentido geral, três pontos se destacam em suas propostas:

- 1- A ação da escola não se limita à instrução, mas se dirige à pessoa inteira e deve converter-se em um instrumento para seu desenvolvimento;
- 2- A eficácia da ação educativa se fundamenta no conhecimento da natureza da criança, de suas capacidades, necessidades, ou seja, no estudo psicológico da criança;
- 3- É no meio físico e social que a atividade infantil encontra as alternativas de sua realização; o saber escolar não pode se isolar desse meio, mas sim, nutrir-se das possibilidades que ele oferece. (Henri Wallon-psicologia e educação (WALLON, 2003, p. 78)

O conceito de “meio” é fundamental na psicogenética Walloniana, pois Wallon afirma que o estudo da criança exige igualmente o estudo do meio ou dos meios onde ela se desenvolve.

Wallon esclarece que certos meios, como a família, são ao mesmo tempo grupos, “porque sua existência baseia-se na reunião de indivíduos que mantêm entre si relações que determinam o papel ou o lugar de cada um no conjunto” (WALLON, 1975, p. 167).

Daí depreender-se que há uma relação muito direta do saber estar e ser neste mundo ser fortemente influenciado no contato familiar. Esse conceito de meio confere, a escola uma responsabilidade muito grande na medida em que ela é entendida como um dos meios funcionais.

O educador precisa tornar esse meio o mais enriquecedor possível para a criança, sob pena de não se concretizar seu pleno desenvolvimento.

“Outro aspecto que o professor precisa ficar alerta é que o conceito de meio inclui o meio cultural, o meio social, o meio interpessoal, e que o seu papel não é somente ser o mediador entre a cultura e o aluno, mas é o representante da cultura para o aluno” (MAHONEY e ALMEIDA, 2006, p.80).

Wallon ressalta que é dever da escola oferecer as crianças, o que existe de melhor na cultura, e que a responsabilidade da escola não é só pelo momento que recebe o aluno, pois o reflexo de sua atuação são sentidos posteriormente (MAHONEY e ALMEIDA, 2006).

O que é aprendizagem social?

A aprendizagem social é o “processo pelo qual cada pessoa desenvolve a sua capacidade de integrar o pensamento, a emoção e o comportamento para alcançar e concretizar tarefas sociais importantes” (COSTA e FARIA,

2013, p.409), ou seja, habilidades que auxiliam a pessoa a lidar consigo mesma, a relacionar-se com os outros e a executar tarefas de forma competente e ética. Essas competências referem-se a pensamentos, sentimentos e comportamentos.

Educar as emoções para que as pessoas se tornem aptas a lidar com frustrações, angústias e medos, inserir essa aprendizagem no contexto da educação para que essa aprendizagem possa contribuir no processo ensino-aprendizagem, equilibrando aspectos cognitivos, racionais e emocionais dos educandos.

A Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI define que a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, são os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, aprender a viver juntos, aprender a fazer e aprender a ser (REGO E ROCHA, 2009 e p.06, *apud* DELORS et al.,2006)

Na mesma década, autores como Rego e Rocha, “advertem para a importância de temas como autoconhecimento, autoconsciência, consciência social, administração de relacionamentos, fortalecendo os pilares propostos pela UNESCO” (REGO E ROCHA, 2009, p. 06,*apud*Salovey e Sluyter, 1990 e Gardner, 1995, 1999,2006).

Ao entrar para a escola as crianças já dispõem de habilidades sócio emocionais desenvolvidas, em maior ou menor grau, seja na família, na comunidade ou nos espaços em que convivem, então os professores se associam aos pais na tarefa de estimular essas competências junto aos educandos e dar continuidade no desenvolvimento das mesmas.

Observa-se que com o tempo, indivíduos que estruturam satisfatoriamente as habilidades sócio emocionais passam a apresentar maior senso de controle e responsabilidade sobre suas atitudes o que significa dizer que vão de certa forma lidar melhor com a vida e as experiências de seu cotidiano, sejam frustrantes ou não.

Em um estudo apresentado por Wang, Haertel e Walberg (1990. p.51), sobre alguns fatores que mais atuavam no processo de aprendizagem na sala de aula, detectou-se que há vinte e oito tipos de influências e que entre as mais relevantes oito estavam vinculadas as habilidades sócio emocionais são elas: a)um bom gerenciamento da sala de aula, b) o apoio dos pais no processo de aprendizagem, c) o vínculo entre professor e aluno, d) os atributos sociais e de comportamento, e) a motivação e atributos afetivos, f) o grupo de amigos, g) a cultura da escola e h) o clima na sala de aula.

Um educador, de posse de conhecimentos sobre as habilidades sócio emocionais, e sabendo de sua importância para a formação de seus alunos, compreendendo como tais

habilidades podem influenciar de forma positiva no processo ensino aprendizagem, e com competência para aplicar esses conhecimentos, dominará uma valiosa ferramenta de trabalho.

As Habilidades sócio emocionais

Segundo Tacla (2014) o termo “aprendizagem sócio emocional”, foi definido no ano de 1994, em uma conferência que reuniu especialistas em saúde e educação no Instituto Fetzer (Michigan, EUA), e, desde então a aprendizagem sócio emocional passou a ser compreendida como o processo de aquisição e reforço de habilidades sócio emocionais, ou seja, habilidades que auxiliam as pessoas a se conhecerem melhor, a conhecerem as próprias emoções e a relacionar-se com os outros de maneira equilibrada. Essas habilidades se referem a pensamentos, sentimentos e comportamentos que, segundo a autora se agrupam em cinco componentes que são:

- Autoconhecimento, diz respeito ao conhecimento das próprias emoções, valores, auto eficácia e limitações.
- Consciência social é o cuidado e a preocupação com as outras pessoas, bem como perceber a emoção do outro e aceitar sentimentos diferentes dos seus, apreciar a diversidade e o respeito ao próximo.
- Tomadas de decisão responsável, é conseguir identificar verdadeiros problemas, analisar e refletir sobre a situação;
- Ter habilidade de resolução de problemas por meio de atitudes baseadas em preceitos éticos, morais e com fins construtivos.
- Habilidades de relacionamento, é baseado na formação de parcerias positivas, pautadas pelo compromisso, pela cooperação, pela comunicação efetiva e pela flexibilidade na negociação de acordos, possibilitando que a pessoa trabalhe satisfatoriamente com conflitos que possam surgir, é saber solicitar e receber ajuda.
- Autocontrole, está relacionado a capacidade de autogerenciamento de comportamentos e emoções a fim de atingir determinado objetivo, orienta a motivação interna e, conseqüentemente, a disciplina e a persistência diante de desafios, podendo utilizar-se de ferramentas como a organização, o humor a criatividade (TACLA, 2014, PP. 49-50)

Ainda segundo a mesma autora, quando as pessoas que estruturam satisfatoriamente as habilidades sócio emocionais passam a apresentar mais senso de controle sobre suas vidas, tornam-se responsáveis por suas escolhas, e adquirem um viver mais integrado, mais saudável e com melhor qualidade de vida. (TACLA, 2014)

A inteligência emocional é simplesmente o uso inteligente das emoções, ou seja, fazer intencionalmente com que suas emoções trabalhem a seu favor, se utilizando como uma ajuda para ajustar seu comportamento e seu raciocínio de maneira a aperfeiçoar seus resultados (HENDRIEWEISINGER, 1997).

O autor acima em destaque descreve que a inteligência emocional provém de quatro componentes, que agem como os componentes do DNA e que quando alimentados pela experiência, eles lhe permitem desenvolver habilidades e aptidões específicas, que vão formar a base da sua inteligência emocional. Pois, ao contrário do seu DNA biológico, os componentes da inteligência emocional podem ser desenvolvidos para terem condições de expandi-la significativamente.

Esses componentes foram identificados pelos psicólogos pioneiros John Mayer, da universidade de New Hampshire, e Peter Salovey, de Yale, que também criou a expressão “inteligência emocional” em 1993 (HENDRIEWEISINGER, 1997).

Nos componentes citados anteriormente, representam-se as aptidões que, reunidas, dão origem a sua inteligência emocional, e cada nível sequencial incorpora as aptidões dos níveis anteriores, sendo construídos de forma hierárquica (HENDRIEWEISINGER, 1997).

O autor aponta ainda que, existem pesquisas que apontam que as competências da inteligência emocional, como o autoconhecimento, a autogestão, a consciência social e a administração de relacionamentos, podem contribuir para a qualidade do processo ensino aprendizagem, conduzindo as pessoas ao equilíbrio entre aspectos cognitivos racionais e emocionais principalmente dos educandos.

Goleman (2001), fala em alfabetização das emoções, e que é tão importante na aprendizagem quanto o estudo da matemática e a leitura e que as lições emocionais podem fundir-se com a leitura, escrita, estudos sociais entre outras, é elevar o nível de competência emocional nas crianças como parte de sua educação regular.

A UNESCO reuniu um dos maiores luminares do mundo na Comissão Internacional sobre a educação para o século XXI define que a educação deve ser organizada em torno de quatro pilares fundamentais que procuram contemplar as aprendizagens necessárias para uma boa convivência na sociedade. São eles: “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, e aprender a ser” (DELORS, 1998, p. 90)

“Aprender a conhecer, vem a ser o domínio do conhecimento resultante dos avanços das ciências, que permite ao educando a compreensão do mundo favorecendo a curiosidade intelectual, estimulando o

conhecimento crítico e a capacidade de discernir para viver dignamente, para viver as suas capacidades profissionais” (DELORS,1998, p.91).

Trata-se, portanto, de um conhecimento com finalidade prática.

O segundo pilar, “aprender a fazer”, está relacionado a formação profissional, ou seja, está ligado ao modo de ensinar o educando a colocar em prática os seus conhecimentos.

A terceira aprendizagem, “aprender a viver juntos”, é um dos grandes desafios da educação, pois vivemos em um mundo muito violento e cheio de conflitos.

E, “Aprender a ser” é o quarto e último dos pilares propostos por Delors, e que vem a ser um dos mais importantes por se tratar da contribuição para o desenvolvimento total das pessoas, afirmando a necessidade de todo ser humano estar preparado por meio da educação, para ser autônomo e crítico e ser capaz de tomar decisões em qualquer situação.

É relevante apresentar essas definições para que se possa conhecer e entender de forma adequada o porquê avaliar a habilidades sócio emocionais de forma que essas aprendizagens possam cumprir o objetivo de repensar a educação.

As escolas são espaços sociais e de aprendizagem, porém os alunos não aprendem sozinhos, existe todo um contexto para que a aprendizagem aconteça, e é certo que fatores sociais e emocionais afetam a forma e o tempo de aprendizagem, e as escolas têm que trabalhar todos os aspectos que possam beneficiar os educandos, uma vez que as emoções podem ajudar ou prejudicar a aprendizagem, em resumo, favorecer ou não o sucesso de seus educandos.

Essa nova visão acerca das habilidades sócio emocional, é hoje fundamentada principalmente nas teorias de Howard Gardner (Inteligências múltiplas) e de Daniel Goleman (Inteligência emocional), segundo a teoria de Gardner, na observação do meio social, como mecanismo de desenvolvimento das capacidades importantes para a vida, da mesma forma Goleman considera as emoções como instrumentos de aperfeiçoamento das inteligências (GOLEMAN, 1996).

A educação emocional não pode ser vista como exclusivamente escolar, constitui-se em um processo de construção permanente, originado no seio da família, passando pela escola e continuando por toda vida, porém não pode ser vista como receita que transforma problemas em soluções, pois seu principal objetivo é o crescimento emotivo e intelectual do ser humano (WEDDERHOFF, 2001).

As implicações do docente no desenvolvimento de habilidades sócio emocionais

A tarefa de formação humana é o fundamento de todo processo educativo, já que somente quando esta se completa é que a criança poderá viver como um ser socialmente responsável e livre, capaz de refletir sobre sua atividade.

A partir daí será capaz de ver a si mesma e a seus atos de forma que tenha condições de corrigir seus erros, ser capaz de cooperar e de possuir um comportamento ético. Participando e assumindo-se em suas relações com os outros, e tornando-se capaz de não “ser arrastado para comportamentos que desrespeitem a si próprio e a outros”(MATURANA, 2003, pg 26), porque não dependerá da opinião dos outros, não buscará a sua identidade nas coisas fora de si, mas construirá sua própria forma de ser e estar no mundo.(MATURANA, 2003)

O professor detém um saber e seu principal objetivo é transmiti-lo, no entanto, precisa cultivar a arte de transmiti-lo, e essa arte, por sua vez, requer a presença de uma série de qualidades complementares: tolerância e firmeza, compreensão e objetividade, profundidade e bom humor (PERRISSE, 2002).

Mas em complemento Perrenoud (2000) parece não pensar que seja o bastante pensar nestas qualidades e, pensando em melhor descrever seus pensamentos organizou algumas competências indispensáveis para redes sócio emocionais linear a atividade docente, são elas: organizar e dirigir situações de aprendizagem; administrar a progressão das aprendizagens; conceber e fazer com que os dispositivos de diferenciação evoluam; envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho; trabalhar em equipe; participar da administração da escola; informar e envolver os pais; utilizar novas tecnologias; enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão e por fim administrar a própria formação contínua (PERRENOUD, 2000, p. 14).

“Tão importante quanto promover a socialização do sujeito é desenvolver, no aluno, a consciência de sua condição de ser único no mundo. Cada pessoa é singular e diferenciada, com competências e fragilidades, com histórias de vida pessoais e intransferíveis, a riqueza da diversidade humana está justamente nesse duplo aspecto de sua condição: simultaneamente social constituído nas e pelas relações” (ABED, 2014, p. 64).

Para mediar a individuação, o professor deve cultivar, na sala de aula, a prática do respeito e valorização das diferenças individuais, incentivando cada um a se desenvolver dentro do seu próprio estilo de ser, respeitando o tempo de cada um e partindo de seus interesses.

E voltando a VYGOTSKY, que ressalta a importância do professor-mediador, atento em promover situações que desafiem os alunos a enfrentar o desconhecido, enfrentar o novo, que desenvolve uma série de habilidades emocionais para lidar com diversos sentimentos que sempre estarão presentes e subliminares em sala de aula, tais como: ansiedade, insegurança e, por muitas vezes, a sensação de incompetência que o desconhecido pode gerar, é que se destaca que o professor mediador deve promover e incentivar os seus alunos a superarem as dificuldades que sempre surgem na vida de todos, deve comemorar cada avanço, por menor que possa parecer.

Usando a Zona de Desenvolvimento proximal, que requer “um outro” mais competente que possa apoiar a evolução gradual do aluno.

Mediar as escolhas pela alternativa positiva significa incentivar os estudantes a anteciparem a possibilidade de sucesso e empreenderem todos os esforços para alcançá-los, não obstante sejam conhecedores dos riscos e das probabilidades de se frustrarem. É preciso que estejam dispostos, inclusive, a errar para avançar. O Professor mediador deve contribuir para que não desistam e nem desanimem.

Muitas são as habilidades cognitivas e socioemocionais que precisam ser desenvolvidas para capacitar o estudante a realizar essas tarefas, tais como:

“a análise sistemática dos elementos de uma situação, levantamento de hipóteses sobre possíveis consequências das ações, flexibilidade de pensamento, lidar com expectativas e frustrações, adiar gratificações, envolverem-se afetivamente com os acontecimentos, entre tantas outras”(ABED, 2014, p. 67)

Nessa perspectiva, promover o desenvolvimento das habilidades sócio emocionais significa realizar ações mediadoras intencionais para que o estudante construa vínculos saudáveis com os professores, com os colegas e sintam-se seguros a serem desafiados, além disso, que se percebam capazes de desvelar o novo a partir dos objetos de conhecimento que lhes são apresentados, engajando-se com a situação de aprendizagem.

A função docente como fonte de equilíbrio emocional

Estamos vivendo em uma sociedade, globalizada, consumista extremamente competitiva, e com notado aumento dos índices de criminalidade, abuso de bebidas alcoólicas, uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas, dentre outros males que atingem a sociedade.

Isso provavelmente vem atrelado a grande desigualdade social, à discriminações de diversas

ordens, às famílias divididas, à ausência de valores, ao trabalho fora de casa de ambos os pais e, diante de todos esses problemas nos deparamos com o desconforto emocional também crescente das crianças e adolescentes(SILVA, 2012).

Tudo isso, de certa forma contribui para o desequilíbrio emocional das pessoas adultas e reflete sobremaneira nas crianças.

Crianças, adolescentes e adultos chegam às escolas com carências emocionais e sociais, o que gera um grande desafio para os professores, ensinar aos educandos regras básicas de convívio social que são, invariavelmente, regidas pelas emoções, não é tarefa fácil (SILVA, 2012).

Observa ainda a mesma autora que se ele mesmo, o professor, precisa de um preparo emocional, ou seja, sentir-se em equilíbrio para gerenciar suas próprias emoções, quando, só então será capaz de auxiliar que seus alunos desenvolvam sua capacidade de agir de forma equilibrada emocionalmente, lapidando o lado emocional em seus alunos, torna-se mais ampla ainda a necessidade de preparo deste docente.

O ambiente escolar é uma experiência de vida tanto para alunos como para professores e, além disso, é o reflexo das relações tanto sociais como emocionais que findam por influenciar a formação destas pessoas em sua totalidade (SILVA, 2012). O que se vive no âmbito escolar é real e cotidianamente um reflexo do que se vive fora dos muros da escola.

Nesse contexto, levar em consideração a importância do desenvolvimento das competências emocionais dos professores, considerando que, como seres humanos eles também são acometidos de frustrações, problemas e virtudes que lhes são peculiares e que os retratarão enquanto indivíduos e seres humanos, acompanhando-os no exercício da profissão é mais que necessário, mas antes de tudo uma necessidade real e emergente.

Para um exercício profissional competente, se faz necessária uma reflexão constantemente e crítica sobre a prática cotidiana, percebendo erros e acertos, encarando as dificuldades com coragem, e enfrentando os desafios e oportunidades para aprender sempre, mesmo que errando, e crescer no aprimoramento do trabalho(SILVA, 2012).

A aprendizagem oferecida pela escola proporciona o desenvolvimento cognitivo, sendo que, fora da escola são exigidas habilidades que requerem capacidades voltadas para o gerenciamento de situações e de pessoas, e que denotam uma elaboração tão profunda que, apenas com uma inteligência intra e interpessoais sólidas e equilibradas. As crianças terão base para desenvolver suas habilidades sócio emocionais.

Ao professor são exigidas diversas competências, devendo ser possuidor de uma

série de habilidades e conhecimentos que vão desde ter o domínio dos conhecimentos inerentes à sua área de atuação, até a capacidade de estabelecer bom nível social e afetivo com seus alunos (SILVA, 2012).

A mesma autora destaca ainda que somado a isso, se espera que esteja sempre disposto a executar tarefas das mais variadas ordens, tenha capacidade de comunicação, possua e estabeleça objetivos claros para seu ensino de forma a atingir seus objetivos.

Todo este aparato certamente vai demandar que ele seja adepto de estratégias de ensino inovadoras, podendo assim propiciar uma aprendizagem consistente para seus alunos. Partindo de suas observações e análises obtidas pela percepção que tem de cada aluno individualmente e do próprio convívio que lhe ajudará a desvelar seus problemas perceber seus alunos (SILVA, 2012).

A atividade docente é estressante e há em algumas realidades uma visível precariedade, que também é reflexo da má estrutura do sistema de ensino brasileiro.

Assim, diante das circunstâncias profissionais, pessoais e emocionais a que o professor é submetido em seu cotidiano profissional, aponta-se que é necessário o desenvolvimento de sua competência emocional, de forma que a partir de seu auto conhecimento, aprender consequentemente a importância da aceitação do outro e da compreensão das limitações do seu próximo, podendo então manter um bom nível de auto estima e uma segurança no trabalho realizado.

Devemos lembrar que o educador deve ter consciência do papel que desempenha na vida de seus alunos, principalmente no que diz respeito ao seu desenvolvimento cognitivo, bem como na sua formação de ser humano (SILVA, 2012).

Cumprir destacar que a ele cabe uma grande parcela do auxílio em preparar os alunos para a vida, mostrando-lhes que o mundo que os aguarda não se resume a um espaço para os que dominam somente os raciocínios verbais e lógicos, mas há neste mundo uma grande necessidade de saber enfrentar problemas, portando caberá a ele encorajá-los a cada desafio no dia a dia.

Muitas vezes, na prática cotidiana, a vida se repete no cenário escolar e somos impelidos a utilizar dos fatos e acontecimentos para apresentar a importância do respeito aos outros, de termos valores sinceros e profundos em relação à amizade, caridade e compreensão e, para isso é importante também que para acompanhar o mundo em que vivemos, precisamos mudar as posturas da nossa cultura. Aos pais e educadores cabe a função de ser espelhos, que oferecerão aos futuros adultos uma capacidade de ver a vida acontecer com sabedoria e discernimento (SILVA, 2012).

A autora afirma ainda que dizer que a educação das emoções é importante é redundante, o importante é aprender a lidar com os sentimentos de forma satisfatória, discutindo aquilo que não aceitamos ou não compreendemos.

O que não pode ser esquecido é a função do educador, que deverá ter a sensibilidade necessária para repensar não só os seus conhecimentos, mas a sua prática em sala de aula.

Assim, assumindo seu profissionalismo e não sendo somente um transmissor de conhecimentos, mas também ser capaz de preparar seus alunos para serem conscientes e responsáveis na sua capacidade de ser, sentir, de pensar e de agir (SILVA, 2012).

A partir do momento que o professor reconhecer as emoções de seus alunos, sejam elas de alegria, tristeza, medo, raiva, ou vergonha, estará criando um canal de acessibilidade para uma interação perfeita (WEDDERHOFF, 2001)

O professor deve ser um mediador que, intencionalmente, observa, avalia, planeja, e atua objetivando a aprendizagem.

“A educação é, e sempre foi, a esperança de transformação e desenvolvimento do ser humano, ao ser exercida com liberdade favorecendo a solidariedade, o viver comunitário, com amor e respeito entre pessoas” (REGO e ROCHA, 2009, 136).

Mas essa crença começa a se transformar quando se observa que algo não vai tão bem assim, pois há uma acentuada denúncia dos que pensam e estudam o cenário educacional brasileiro que apontam que o quantitativo de docentes acometidos de adoecimentos das mais diversas ordens e que vivem um elevado índice de absenteísmo denotam que a escola está perdendo seu prestígio e dando espaço a um mal estar.

Como afirmam Rego e Rocha (2009, p.137) “vemos professores e educandos vivendo uma fase marcada por dificuldades, incertezas e ausência de valores humanistas”.

Não é muito incomum, afirmam as autoras que os noticiários e muitas pesquisas apontem uma “desenfreada onda de violência nas famílias, nas escolas e na sociedade”(REGO E ROCHA, 2009, p137).

Modificaram-se as questões que incomodam os docentes quanto a disciplina e o processo relacional tornou-se banalizado do ponto de vista do respeito e até mesmo da admiração.

Se antes chamar um pai ou responsável na escola era algo esporádico, hoje é corriqueiro. Há inclusive relatos constantes de que os professores são agredidos e agridem.

Mas lê-se em (REGO e ROCHA, 2009, p.140 *apud Goleman*, 2001, p. 294) “a afirmação de que talvez a solução parta da idéia do que o autor chama de alfabetização emocional” que segundo os mesmos autores afirmam:

“amplia nossa visão acerca do que é a escola, explicitando-a como um agente da sociedade encarregado de constatar se as crianças estão obtendo os ensinamentos essenciais para a vida – isto significa um retorno ao papel da educação. Esse projeto maior exige, além de qualquer coisa específica no currículo, o aproveitamento das oportunidades, dentro e fora das salas de aula, para ajudar os alunos a transformar momentos de crise pessoal em lições de competência emocional” (REGO e ROCHA, 2009, p.140 *apud Goleman*, 2001, p. 294).

A leitura em Goleman (2001) nos ajuda a nos apropriarmos do que ele nomeia como *Ciência do Eu*, que poderia ser descrita então como uma modelagem ou treinamento para que o indivíduo desenvolva sua inteligência emocional. Esta é, segundo o autor, uma experiência do Centro de Aprendizado Nueva Lengua.

Para isso o docente é orientado a ser, no cotidiano de sala de aula, impelido a discutir problemas reais. O que nos leva a refletir que a escola retoma o princípio de utilidade, em que o que se aprende ali será usado na vida real e na prática, tornando-se assim de interesse e utilidade.

Ajudar, segundo Goleman(2002), que os educandos ampliem o autoconhecimento e o domínio de seus sentimentos, é o mais premente do espaço educacional, haja vista ser ali que se encontram as diferenças e, muito provavelmente, os desafios.

Sugerem as autoras o modelo de autogestão, “que possibilitará ao educando, saber lidar com situações como raiva, frustrações e

Metodologia:

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de cunho exploratório, que partiu da leitura de diferentes teóricos da área da psicologia e da educação de forma geral, buscando refletir sobre a importância de olharmos para a formação da inteligência sócio emocional dos educandos, lembrando que esses serão amanhã, os adultos que comporão a sociedade. Assim, concebe-se que estas leituras puderam nos aproximar do fenômeno em questão e nos dar condições de analisar sua sensibilidade.

Pensar a partir destas leituras possibilitou-nos construir propostas de atuação que encaminhem o leitor a uma oportuna compreensão do papel do docente neste sentido.

discriminações”(REGO e ROCHA, 2009, p 144). O que segundo as mesmas autoras seria ideal para que aprendam a dominar suas emoções “e manter o autocontrole das emoções perturbadoras e aflitivas, mesmo em momentos difíceis e sob pressão” (p.144).

Este modelo é construído a partir das discussões sobre suas vidas práticas e conflitos cotidianos mais comuns.

Observa-se que é muito comum que as crianças acreditem que não são responsáveis por sua conduta, mas, nesta ideia da autogestão, as mesmas autoras afirmam que os educandos são levados a se responsabilizarem pela própria conduta, o que:

“...favorecerá ao educando agir de forma ética e acima de qualquer restrição; aprender a angariar confiança por meio de sua autenticidade; admitir os próprios erros; e assumir posições firmes e coerentes, mesmo que não sejam do agrado geral”(REGO e ROCHA, 2009, p.144).

Para as autoras em destaque são os conteúdos abordados na prática diária de sala de aula, e que de certa forma chamarão a atenção, uma vez que farão uma ligação “ponto a ponto com os domínios da inteligência emocional” (REGO e ROCHA, 2009, p. 144).

Pensar e preparar o agir, partindo da premissa de que só tenho a ganhar se tomar a decisão certa, ou seja, se souber lidar com as pessoas e com a vida é a grande obra desta *Ciência do Eu*. O que já é muito, tendo em vista que sobreviver na atual conjuntura de competição e busca desenfreada por ter, torna-nos tão insensíveis ao ser que muitas vezes perdemos a humanidade.

Como aponta (SILVA, 2012) precisamos construir um espaço que garanta a todos, qualidade de vida e, para isso precisam pensar e agir adequadamente.

Como pesquisa qualitativa espera-se que possibilite que emergam dados sensíveis ao fenômeno em questão e que os mesmos constituam no olhar da pesquisadora uma conquista de construção de conhecimentos que lhe permitam contribuir com os futuros e atuais pedagogos e com os demais atores do cenário educacional, apresentando a importância de valorizar as diferentes inteligências.

Análise e discussão dos dados

Ao nos aproximarmos do fenômeno estudado por meio da leitura em diferentes autores, foi possível compreender que o reconhecimento do papel que a educação das emoções traz torna-se de suma importância. Além de conceber-se que será benéfica para a pedagogia, para a formação de professores e

mesmo para que pais e responsáveis possam se apropriar destes conhecimentos, principalmente na etapa em que as crianças estão na educação infantil, período em que o processo de construção da personalidade está altamente ativo.

Os resultados deste conhecimento viriam na forma de aproveitamento da ação escolar como um todo, na melhoria nos relacionamentos humanos interpessoais e nos estímulos dos potenciais e das habilidades dos educandos.

Pudemos constatar que diversos autores aprovam o desenvolvimento da aprendizagem sócio emocional, pois se for adequadamente implantada nos currículos escolares, acredita-se que serviria para orientar os profissionais, auxiliando-os a intervir de forma consciente na formação humana de seus alunos, pois aprendemos de forma natural e gradual.

Além disso, concebe-se que o sucesso profissional é basicamente definido pela acumulação de conhecimentos e que somente será bem sucedido quem mais acumular saberes e se destacar pelo seu potencial. O que pode vir a ser um grande engano, pois segundo Goleman, na década de 1990, realizou um estudo que demonstrou que profissionais com melhor capacidade de compreender as pessoas, de motivar a si mesmos e de ter domínio próprio sobre as próprias emoções seriam mais valorizados, em função de suas habilidades na área de relações interpessoais (GOLEMAN, 2001)

Isto indicaria que atualmente é mais usual que valorizemos mais as habilidades cognitivas, enquanto em um contexto profissional e social as habilidades emocionais podem fazer grande diferença, a partir do momento que sabemos que há múltiplas inteligências humanas, e que, portanto, não é adequado que valorizemos apenas ou simplesmente uma, no caso a cognitiva.

Com a teoria da inteligência emocional de Goleman, passamos a ter fundamentos para fazer um bom aproveitamento da inteligência emocional tratando-a com um novo olhar, atento ao que demanda a modernidade e que vai requer dos pedagogos um comportamento de reflexão, pois se trata de uma nova ferramenta de trabalho, mais eficiente e mais assertiva que qualquer alta habilidade ou domínio cognitivo.

As escolas precisam cientificar-se da importância de trabalhar o emocional de seus educandos, pois no ambiente escolar já são trabalhadas, mesmo que de forma inconsciente e indireta as emoções.

É, pois no comportamento pessoal, que se observa a diferença de competência para ascender ao mercado de trabalho. Assim como o viver em sociedade, que demanda transpor desafios das mais diversas ordens, para os quais se requer que as pessoas tenham emoções

equilibradas, requisito que seguramente lhes auxiliará a obter melhores resultados e maiores possibilidades de sentirem-se realizadas e satisfeitas.

Acredita-se que seria necessário na formação de professores, principalmente dos pedagogos, por serem os que atuam na base da formação das crianças desde a tenra idade, que se apropriem de como auxiliar seus alunos a desenvolverem a educação emocional. Compreendendo que deverão fazer parte da grade curricular, por agregar grande valor e competência na prática e na futura profissão a ser exercida, pois esta habilidade está inserida inconscientemente na formação do ser humano, pois como afirma Maturana “vivemos em uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção” (MATURANA,1999, p.15). Talvez por isso tenhamos tantas mazelas sociais, que independem de questões socioeconômicas, em evolução contínua e para as quais não temos encontrado resposta.

Um dos grandes desafios para pais e educadores é educar as crianças de forma que elas consigam enfrentar os desafios impostos pela vida, com inteligência, criatividade e de forma que não desanimem ao menor sinal de fracasso, pois a frustração pode ser produtora de pessoas mais fortes.

Também se concebe que esta condição possa auxiliá-los a enfrentar a vida sem que procurem refúgios que os aliena da realidade como álcool, drogas, e, para tanto, orienta-se que sejam desenvolvidos todos os tipos de inteligência, discutindo principalmente sentimentos, afetos e emoções.

Em relação à educação emocional, talvez o problema maior seja a expectativa criada, como se esta fosse a resolução de todos os males e problemas, mas não é bem assim, pois trata-se de uma contribuição para auxiliar no desenvolvimento das pessoas, porquanto se concebe que quanto mais cedo alfabetizarmos as emoções, melhores serão os resultados e mais eficientes e duradouros, por se tratar de uma possibilidade importante para uma melhoria na qualidade no processo ensino aprendizagem.

Considerações Finais

A educação, de forma geral, está sempre em evolução, assim como o estão as relações sociais e a sociedade. Isso não poderia ser diferente, uma vez que o mundo de hoje se atualiza e moderniza numa rapidez assustadora e, pensando em como o indivíduo constrói-se cotidianamente neste universo imbricado de relações e como estas relações que estabelece com seu meio são imprescindíveis para auxiliá-lo a constituir-se enquanto indivíduo.

Assim, se conclui que a educação brasileira passou por grandes transformações nas últimas décadas e sempre foi vista com um olhar de esperança, no entanto estamos vivendo uma fase de grandes dificuldades quanto à capacidade relacional das pessoas e, isso se reflete no ambiente escolar por meio das constantes situações de bullying, violência, uso de drogas e substâncias psicoativas das mais variadas ordens, além de uma notada desvalorização do docente, e das modificações nas relações familiares. O que de toda forma nos obriga a questionar e a refletir sobre as trajetórias empreendidas por cada um destes estudantes e sobre qual a função da escola como oferta de um adequado apoio ao desenvolvimento dos mesmos.

Compreende-se que as relações traduzem-se em sentimentos e atos, que caso não sejam de fato bem elaborados tomaram dimensões complexas e se tornarão um grande desafio para as escolas, as famílias e a sociedade de forma global.

Concebe-se que é a escola, o primeiro ambiente social que a criança tem contato, fora de sua experiência com os familiares, e que é o espaço em que se credita a capacidade de oferecer a estas, condições de estabelecer contatos com pessoas de diferentes estilos, permitindo que elas aprendam a conviver e a respeitar as diferenças e o espaço e os sentimentos dos outros, além de reconhecer e externar os seus próprios sentimentos.

Espera-se que a escola faça o acompanhamento e a lapidação destas relações, oferecendo suporte e orientação quando há

dúvidas ou conflitos. Obviamente em parceria com a família.

Concluiu-se a partir deste estudo que a função social da escola é cada vez mais cobrada, e demanda-se desta, um olhar mais profundo sobre o que há de mais precioso na sua função: produzir um produto final de alta qualidade.

Deste produto humano concebe-se como melhor qualidade a possibilidade de utilizar suas emoções em prol de seu equilíbrio e felicidade.

Num cenário em que a família está cada vez mais se modificando, observa-se que os pais não têm mais o tempo e o espaço de dedicação à lapidação das estruturas emocionais de seus filhos, haja vista nem sempre poderem dispendir tempo para acompanhá-los e ensiná-los a assumir padrões adequados de convívio.

Assim, denota-se que há uma emergência em rever a função da escola e de forma mais direta a função do docente, que precisa mais que nunca de uma visão mais ampla sobre seu papel nesta tarefa formativa, buscando adequar seu fazer com novas estratégias e metodologias. Inserindo em seus currículos temas transversais que viabilizam que emergam situações cotidianas a serem discutidas de forma a oferecer um trabalho formativo de qualidade, que se preocupe não só com o conteudismo, mas que trabalhe os educandos de forma integral, na sua totalidade, valorizando as habilidades que o educando já possui e desenvolvendo outras que são essenciais, potencializando seus efeitos que será refletido em uma sociedade mais equilibrada, pois na escola repercute o que é vivido na sociedade e vice versa. Movendo-se e se influenciando mutuamente

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABED, Anita Lilian Zuppo. **O Desenvolvimento Das Habilidades Sócio emocionais Como Caminho Para a Aprendizagem e o Sucesso Escolar de Alunos da Educação Básica**—São Paulo abril de 2014. Disponível em: file:///C:/Users/TCC/Downloads/ap4_hab_socioemocionais_anita_abed.pdf. Acesso em: 08 de set. de 2014.

ARCA DA EDUCAÇÃO. Um baú para guardar tudo que considero interessante em Termos Educacionais. **Entrevista com Daniel Goleman**. Disponível em: <http://arcadaeducacao.blogspot.com.br/2009/07/entrevista-com-daniel-goleman.html>. Acesso em 09 de abril de 2015.

COSTA, Ana e FARIA, Luísa. **Aprendizagem social e emocional: Reflexões sobre a teoria e a prática na escola portuguesa**. *Aná. Psicológica* [online]. 2013, vol.31, n.4, pp. 407-

424. ISSN 0870-8231. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v31n4/v31n4a07.pdf>. Acesso em setembro de 2014.

ESTANISLAU, Gustavo M. e BRESSAN, Rodrigo Affonseca. **Saúde Mental na Escola: O que os educadores devem saber**. Artmed, 2014.

GAMA, Maria Clara S. Salgado. (1998). **A Teoria das Inteligências Múltiplas e suas implicações para Educação**. Disponível em:

http://www.homemdemello.com.br/psicologia/intel_mult.html. Acesso em: 17 de novembro de 2014.

GOLEMAN, D.; BOYATZIS, R.; MCKEE, A. **O poder da inteligência emocional : a experiência de liderança com sensibilidade e eficácia**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

MAHONEY, Abigail Alvarenga, ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. (org). **Walton e a Educação**. Edições Loyola, São Paulo, 2006.

OGASAWARA, JeniferSatie Vaz **O CONCEITO DE APRENDIZAGEM DE SKINNER E VYGOTSKY: UM DIALÓGO POSSÍVEL.**

Universidade do estado da Bahia- UNEB – Departamento de Educação Curso de Pedagogia. Salvador 2009. Disponível em: <http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-Jenifer-Satie-Vaz-Ogasawara.pdf>.

Acesso em: outubro de 2014.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky, Aprendizado e Desenvolvimento, um processo sócio histórico.** EDITORA, 2008.

REGO, Claudia Carla de Azevedo Brunelli e ROCHA, Nívea Maria Fraga. **Avaliando a educação emocional: subsídios para um repensar da sala de aula.** *Ensaio: aval.pol.públ.Educ.* [online]. 2009, vol.17, n.62, pp. 135-152. ISSN 0104-4036.

SILVA, Gidélia Alencar da. **A EDUCAÇÃO EMOCIONAL E O PREPARO DO PROFISSIONAL DOCENTE.** 2012. Disponível em:

http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2012_2/1_EDUCACAO_EMOCIONAL_PREPARO_PR_OFISSIONAL_DOCENTE_Gidelia_Silva_p_5_15.pdf. Acesso em 28 de abril de 2014.

TACLA, Cristiane et all. **Aprendizagem sócio emocional na escola.** In: Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber/ Gustavo M. Estanislau, Rodrigo Alfonseca Bressan (Organizadores). Porto Alegre: Artmed, 2014.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação.** Edições Loyola, São Paulo, 2003.

WEDDERHOFF, Elísio. **Educação emocional: Um novo paradigma pedagógico.** Revista Linhas. Capa . v. 2, n. 1 (2001). Disponível em:

<http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1299>. Acesso em: 09 de abril de 2014